

Quarto de Despejo: Espaço e Memória na Escrita de Si ¹

Priscila Goes da Silva ²

Liliane Vasconcelos de Jesus ³

Resumo

No presente artigo discutiremos sobre o conceito de autoficção, o fragmento que separa o empírico do imaginário no texto autobiográfico e a partir disso a construção da performance do autor. Essa discussão é feita por meio do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, buscando identificar possíveis elementos corroborativos de que, essa obra, se comporta como autoficção.

Palavras-chave: Autoficção; Escrita de si; Performance; Carolina Maria de Jesus.

1 Introdução

Quem possui a palavra detém o poder, através da palavra o sujeito pode estabelecer ou rasurar conceitos e preconceitos na sociedade, transformar a situação de um povo e até mesmo de uma nação. Observamos que a escritora Carolina Maria de Jesus, através de seus escritos, parece ter demonstrado essa noção, ao pretender modificar o contexto no qual estava inserida. Segundo Klinger (2006), essa ideia de transformação está como característica de toda obra autobiográfica, ou seja, percebe-se uma configuração em que o cerne dessa escrita é a intervenção que, por sua vez, pode provocar uma determinada transfiguração. Em Carolina de Jesus, notamos que o desejo de comutar a condição de subalternidade do espaço em que vivia atua como impulsão ou justificativa para iniciar a escrita de seu livro. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* a autora é, também, personagem que narra o seu cotidiano, emoldurando-se, através do texto, na realidade de uma moradora da favela, a qual sobrevivia com migalhas que a cidade podia lhe dar, portanto, entendemos que a “autobiografia é produzida no intuito de retratar o eu, de afirmar a identidade.” (QUERIDO, 2012, p. 881).

¹ Trabalho apresentado no I Simpósio Internacional de Gestão da Comunicação, Cultura e Turismo (SINCULT 2015), realizado em Salvador, Bahia, Brasil, dias 24 e 25 de julho de 2015.

² Graduanda em Letras – Português na Universidade Católica do Salvador – UCSAL.
(E-mail: priscilaagoes@hotmail.com).

³ Orientadora Dra. Liliane Vasconcelos de Jesus. Professora de Literatura Brasileira Contemporânea na Universidade Católica do Salvador – UCSAL.
(E-mail: liliane.jesus@ucsal.br)

Vale lembrar que a autora Carolina de Jesus nasceu no estado de Minas Gerais, onde cursou até o segundo ano do primário, posteriormente partiu para a grande São Paulo, onde se instalou na favela do Canindé, às margens do Rio Tietê. Trabalhou como doméstica, depois, por tristes anos, marcados pela pobreza e a fome, catou papel e o que encontrava, para conseguir o seu sustento e dos seus três filhos. Foi descoberta por Audálio Dantas, em abril de 1958, enquanto o jornalista cobria a abertura de um pequeno parque municipal, a escritora falava com intrusos na área, para que eles corressem dali ou ela os colocaria em seu livro, o jornalista perguntou do que se tratava, foi quando a escritora o levou na favela, mostrando todos os seus cadernos. *Quarto de despejo* foi publicado em 1960, segundo dados fornecidos por Meihy e Levine (1994), foi vendido mais de 10 mil exemplares nos primeiros três dias de lançado, além de noventa mil que foram distribuídos pelo Brasil nos seis primeiros meses. “Hoje eu estou com frio. Frio interno e externo. Eu estava sentada ao sol escrevendo aqui e supliquei, oh meu Deus! preciso de voz.” (JESUS, 2007, p. 152), o desejo de Carolina em ser ouvida, nos dias atuais parece ter se consolidado, tamanho é o interesse de pesquisadores e da crítica pelos cadernos da autora. *Quarto de despejo* (1960) foi traduzido para 13 idiomas mundo afora e lido em, pelo menos, 40 países, mesmo depois de mais de cinco décadas de sua publicação os escritos da autora têm sido estudado na Academia, tanto no Brasil quanto no exterior.

Como podemos observar, a obra de Carolina de Jesus surgiu como algo inusitado, bastante curioso e trouxe um alvoroço aos críticos, pois fugia do padrão acervo que compunha o Cânone Literário e das obras que concorriam a ele. Foram levantadas diversas hipóteses sobre a obra e sua autoria, sendo até cogitado que se tratara de um pseudônimo. Porém pelos minuciosos detalhes e a própria temática da fome, demasiadamente, em seus escritos, fora descartada essa ideia, como a própria Carolina de Jesus, trazendo autenticidade a sua obra, ressaltou: “É preciso conhecer a fome, para descrevê-la.” (JESUS, 2007, p.12). A condição que a escritora vivia não a impediu de ser uma grande mulher, em busca de voz por ela e seu povo: “o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido.” (JESUS, 2007, p. 38), nas pequenas ambições que demonstrava ter, estava presente o seu semelhante, como partícipe do digno pão de cada dia, e morada em uma casa de alvenaria, mas também, em certos momentos, demonstrou descontentamento ao deparar-se com a desolação dos moradores da favela: “No início são educados, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que se transformam em chumbo.” (p. 37) E profunda irritação em

outros: “as mulheres da favela são horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa.” (p. 54).

Alessandra Querido (2012, p. 882) diz que: “para analisarmos uma obra autobiográfica, temos que levar em consideração que o próprio (re)escrever a vida já é uma releitura e, assim sendo, passível de novas versões”. As obras autobiográficas são, naturalmente, intituladas como empíricas, pois se tratam de relato vivido, no entanto, surgem os seguintes questionamentos: até que ponto o que está sendo descrito é real? Existe uma mistura entre o que aconteceu e o que poderia ter sido como desejo de quem viveu ou escreveu determinado fato? Buscando responder essas inquietações, encontramos a luz no conceito de autoficção, pelo qual buscaremos traçar o desnudamento das entrelinhas da escritora Carolina Maria de Jesus.

Segundo Klinger (2006) o conceito de autoficção foi criado pelo crítico e romancista francês Sergue Doubrovisky (1977), que o compreende como uma ficção de si, e não a ficção do texto, ou seja, o autor através da sua escrita cria um “*romance da sua vida*”. Para Klinger (2006, p. 24) é “enriquecedor pensar o conceito de autoficção junto com o de performance”, que está ligado com a desnaturalização do sujeito. Na autoficção o que se torna relevante não é o cotidiano ou as relações de quem escreve sobre si ou sobre o outro, mas o que, de fato, interessa a isso é o que está sendo construído através do texto, ou seja, o próprio mito do escritor, nele “o real não retorna em termos de trauma e sim de efeito.” (KLINGER, 2006, p. 45). O efeito do qual Klinger referencia, podemos observar no cotidiano de Carolina de Jesus, quando ela discorre sobre suas condições subalternas e as contrapõe com a sua postura, enaltecendo o seu lado culto, a autora ressalta que encontrou o fascínio nos livros e na escrita. Na citação a seguir conseguimos percebê-la construindo nuances do mito de escritora:

O livro me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiaram os meus pensamentos. Evitando abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro é bússola que há de orientar o homem no porvir. (JESUS, 1996, p.167).

A referida citação é da obra póstuma da autora, *Meu estranho diário* (1996), na qual também podemos perceber Carolina de Jesus colocando-se como leitora, e o livro como compasso de vida. “Um dos aspectos mais tocantes da sua biografia é o fato de lembrar-se constantemente de levar consigo os livros nos momentos em que necessitava deixar o local de trabalho ou migrar para outra cidade” (SILVA, 2008, p. 7), é bastante recorrente, no texto da

autora, essa valorização pelos livros, e nesse mesmo molde a obra *Quarto de despejo* atua como algo impactante e retorna como um efeito, através da qual a autora edifica uma imagem que é projetada na mente do leitor, o romance da sua própria vida, em que o cotidiano é entrelaçado pela autoficção, a releitura do próprio eu é constituída a fim de criar uma performance.

O termo inglês “performance” significa “atuação”, “desempenho”, “rendimento”, mas começou a assumir significados mais específicos nas artes e nas ciências humanas a partir dos anos 1950 como ideia capaz de superar a dicotomia arte/vida. (KLINGER, 2008, p. 19).

Seguindo o conceito dado por Klinger, analisamos o envolvimento da vida de Carolina de Jesus com a sua arte, que por sua vez, torna-se uma, ou seja, não há uma dicotomia. A autora se constrói não utilizando uma mimetização, mas faz dos seus instrumentos o caminho para tal. Em muitas linhas discorre o seu talento literário e a sua sensibilidade para a escrita, em que podemos flagrar essa performance. Para tanto, vale ressaltar que “não existe original e cópia, apenas construção simultânea (no texto e na vida) de uma figura teatral – um personagem – que é o autor.” (KLINGER, 2008, p. 20).

É inquietante uma obra literária escrita por uma mulher na década de 1950, época em que a mulher era alvo de preconceito e machismo, com maior intensidade em relação aos dias atuais. Mãe solteira, com três filhos pequenos para educar e sustentar, sobrevivendo numa favela, sendo vítima de preconceito racial “a cada suspiro”, tendo que buscar água numa bica competitiva todas as manhãs, catando papelão e tudo quanto encontrava pelo caminho, às vezes com a filha menor nos braços, a fim de colocar comida na mesa; tendo que escutar, diariamente, seus filhos gemerem de fome, e, ainda, com a sensação de impotência, e pensamentos suicidas; como podemos observar na citação a seguir:

Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidarmos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 2007, p.153).

Mesmo com todas essas dores, lágrimas derramadas e alegria arrancada por uma sociedade opressora, Carolina de Jesus transformou suas amarguras em linhas cursivas, em velhos papeis achados no lixo, na esperança de sua voz ser escutada, e sua poesia ser contemplada, ela não desistiu dos seus sonhos, sobretudo, de viver em uma casa de alvenaria

e ver seu livro publicado; essa mulher feita de ferro e flores conquistou os nossos olhares. O fato de encontrarmos diversas Carolinas no *Quarto de despejo*, além do ponto de vista dúbio em seu discurso, o muro imaginário que descreve ao separar-se dos outros na favela, a construção da imagem de escritora, os fatos reais e fabulações, poesias e dores; atuou como combustível a essa pesquisa, ou seja, a maneira que Carolina Maria de Jesus, enquanto mulher, negra, marginalizada, consegue construir o próprio mito de escritora. É importante ressaltar que o mito, diz Barthes (2003, p. 221) apud Klinger (2008), “não é uma mentira, nem uma confissão: é uma inflexão”. Ou seja, “o mito é um valor, não tem a verdade como sanção”, pode ser construído através obra e também pela exposição do autor, seja através de entrevistas ou participação em eventos, nos quais a sua imagem possa ser projetada.

2 Carolina dúbio: a performance de uma escritora

Em seu discurso, Carolina intercala entre vários polos, apresentando o olhar, majoritariamente, dúbio, além do desejo intenso de voar para longe da favela, a qual considera como o quarto de despejo:

Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludo, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2007, p. 36).

Quando foi questionada de onde surgiu a ideia para o título do livro, *Quarto de despejo*, a autora ressaltou o episódio que ocorreu em 1948, quando as casas térreas foram demolidas para a construção dos edifícios, os moradores das casas coletivas foram despejados e passaram a residir debaixo das pontes, foi a partir dessa remodelação pelo poder público que surgiram as favelas. Então, quando Carolina de Jesus chegou a São Paulo, encontrou um cenário totalmente insípido, mas a escritora encontrou, nos livros, o norte para a saída das angústias e tristezas que lhe causaram profundas cicatrizes, muitas delas expostas em seu diário, era uma mulher guerreira, que não se prostrava perante as adversidades e conseguia contemplar a beleza da natureza, mesmo quando a fome forçava-lhe enxerga-la pintada com a cor amarela – “a cor da fome”. Carolina de Jesus era como a flor-de-lótus, “como as aves, que cantam ao amanhecer” (p. 23); capaz de escrever e transformar as suas dores em poesia, “o que lhe garante um inquestionável talento literário.” (PERPÉTUA, 2003, p. 73). No decorrer do diário a autora enfatiza que escreve poesias e, em alguns momentos, as coloca no corpo do

texto, como podemos ver no dia três de fevereiro: “Estes dias eu fiz umas poesias: Não pensas que vais conseguir o meu afeto novamente, o meu ódio vai evoluir, criar raízes e dar semente” (JESUS, 2007, p. 160).

No que concerne à poesia nas linhas de *Quarto de despejo*, Perpétua (2003) diz que: “Carolina manifesta sua profissão de fé em relação à escrita lírica em todos os cadernos. Nota-se que a reflexão metalinguística é uma característica sua, tanto no que diz respeito à poesia quanto ao diário.” (p. 71). A dualidade, da qual fazemos menção na escritora, é perceptível também nas linhas da sua obra, pois se trata de um texto autobiográfico, no entanto com toques de poesia, temos a Carolina escritora/personagem e, também, poetisa, pois a autora não escrevia somente sobre o seu cotidiano, mas intercalava a escrita do diário com poemas, romances, peças teatrais etc. “A predileção pelos autores românticos como Casemiro de Abreu e Gonçalves Dias explica o fato de se reportar a temáticas como saudade, amor, natureza, pátria e heróis.” (SILVA, 2008, p. 12).

A autora buscava a representação de si e do mundo em que vivia, não só a favela, mas a realidade nua e crua de uma sociedade que mascarava os problemas sociais, fingindo que as pessoas à margem eram seres invisíveis ou merecedores de estarem em tal condição. “Carolina era o contraste perfeito de uma sociedade que queria exhibir-se moderna, progressista organizada.” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 19). O governo do País lutou, sem pensar no preço que pagaria, ou em quem pagaria, o preço pelo desenvolvimento industrial, que já se iniciava em São Paulo, nos anos de 1950. Realidade pela qual Carolina de Jesus mostrou total descontentamento e revolta em muitos momentos: “Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês.” (JESUS, 2007, p. 164). “O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Tenho que imitar os animais.” (p. 100). Mesmo a autora escrevendo sobre o empírico, fotografando o que estava ao seu redor, discutindo política, sociedade e o aumento súbito da inflação, que arrancou da sua mesa o pão raro de cada dia, é notório a imaginação e a fábula na sua escrita, como cita Andrade (2009, p. 116):

Como a escrita é dia-a-dia, o escritor de diários tem a liberdade de escrever o que quiser e na ordem que desejar: pode mentir, trair, omitir, não querer contar. A obra traz em si uma variação de tessitura. Por isso, Carolina de Jesus sai a catar tudo o que encontra e também usa a sua imaginação para compor seu mosaico.

Nesse mosaico construído e enfeitado pela autora, temos a dualidade trilhando num fio quase que invisível, no qual encontramos a autoficção. A mistura do real, puro e seco, com as

nuances que a mente permite ao escritor, através da palavra é construída uma teia, pela qual se pode buscar paradoxos que desnude a performance construída pelo próprio autor. É o que vemos em *Quarto de despejo*, o paradoxo que transforma a autora em diversas Carolinas. Depois de habituar-se a escrever e alimentar o sonho utópico de ser escritora reconhecida, Carolina de Jesus delimitou o seu público alvo, as pessoas que viviam no centro da cidade, nas salas de visita. Na citação a seguir, podemos perceber Carolina de Jesus discorrendo sobre um dado assunto, que para a autora foge totalmente da imagem a qual gostaria de passar para seus leitores; demonstra condenar o vício da bebida, muito embora, no próprio texto, a autora diz que não precisa dar satisfação da sua vida para ninguém, requer, através dele, a aprovação do outro, no caso, dos leitores de *Quarto de despejo*:

... Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar em álcool os meus filhos não irão respeitar-me. Escrevendo isso estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. *Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer:* – Muito bem, Carolina! (JESUS, 2007, p. 74, grifo nosso).

Ao passo que Carolina busca por igualdade, demonstra compaixão e sensibilidade aos seus semelhantes, demonstra, também, preconceito e discriminação pelos seus vizinhos, salientando estar superior a eles pelo seu jeito diferente de ser: “Nunca feri ninguém. Tenho muito senso! Não quero ter processos.” (p.16). Já na citação a seguir temos a Carolina compassiva, enfatizando a realidade do negro marginalizado, através de uma comparação inocente com os povos judeus.

O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite. E o judeu porque é inteligente. Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para lhes dar conforto e riquezas. É por isso que os judeus todos são ricos. Já nós os pobres não tivemos um profeta para orar por nós. (JESUS, 2007, p. 107-108).

A autora demonstra ser contra a violência, nunca ter ferido alguém, ou fugir de confusões para evitar ter processos na justiça, porém em algumas situações ela discute, envolve-se em brigas, e até escreve a sua revolta: “Eu xinguei o Chico de ordinário, cachorro, eu queria ser um raio para lhe cortar em mil pedaços” (p.44).

Nos textos acima abordados, percebemos a dualidade da autora, e para compreendermos essas nuances, abordaremos o que é o autor por Foucault (1992, p. 5), na escrita de si:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um "corpo" (...) E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional.

No que tange o comportamento de Carolina, ao analisarmos a sua postura dúbia perante os acontecimentos na favela, a partir das leituras, as quais se refere Foucault; o conhecimento de mundo – o conhecimento enciclopédico que segundo Koch (2004, p. 22) “é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo.”; bem como a interpelação no discurso a todo tempo, todos esses podem fazer o escritor reproduzir determinados pensamentos e ações, que podem ir transformando-se no seu próprio eu escrito. Como vimos, a autora Carolina revela, no seu texto, a busca pela ascensão social, também a própria legitimação quando cita o número de seu documento: “O meu registro Geral é 845.936.” (JESUS, 2007, p.16), além do desconforto tanto pelo fato de estar à margem, quanto por morar na favela, parecendo buscar a desconsideração por qualquer referência que a enquadre como favelada. A autora também enfatiza a sua condição e a de seus vizinhos, demonstrando descontentamento: “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar descanso.” (JESUS, 2007, p. 12). Todavia quando Carolina conseguia mantimento para seus filhos, fosse através do seu trabalho ou por doações, a sua ansiedade ia-se embora, dando espaço à leitura, e a autora parece, ao enfatizar seu encantamento pelas letras, fazer questão de mostrar isso em seus escritos:

O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. (...) Li um conto (...). Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (JESUS, 2007, p. 12; 21).

Tendo em vista que através do hábito da leitura podemos conhecer novas palavras e formas de desenvolver textos, observamos que a autora conseguiu aumentar seu vocabulário por meio disso, uma vez que ela só estudou até o segundo ano do antigo primário. Carolina lia corriqueiramente, inclusive obras canônicas que foi, segundo Perpétua (2003), pelas quais que

a autora consegue ter a ideia romântica do poeta e a metalinguagem que utiliza em seus cadernos, a partir dessas leituras ela passa a desenvolver a autoimagem de poetisa.

Das imagens que Carolina tinha do poeta, as que foram aproveitadas na edição de *Quarto de despejo* relacionam-se à sua preocupação com a comunidade pobre onde se encontra inserida. Carolina manifesta sua profissão de fé em relação à escrita lírica em todos os cadernos. Nota-se que a reflexão metalinguística é uma característica sua, tanto no que diz respeito à poesia quanto ao diário. (PERPÉTUA, 2003, p. 71).

Observamos que a autora demonstra o cuidado com as palavras, porém ainda há erros ortográficos que são mantidos pelo editor com a proposta de imprimir veracidade ao texto. Em alguns momentos há o fenômeno da hipercorreção que segundo Mattoso Câmara (2002, p. 237), é a “equivocação no desejo de falar bem” quando se transforma numa tentativa de correção.

Dizem que cigano não pode ficar parado. Mas a Dona Lei há de fazê-lo estacionar uma temporada atrás das grades. Ele há de ter tempo para pensar e repensar no *que disse-me* (...) Fui no senhor Eduardo comprar querosene, óleo, e tinta para escrever. Quando eu pedi o tinteiro, um homem que estava perto *perguntou-me* se eu sabia ler. *Disse-lhe* que sim (...) (JESUS 2007, p. 158; 119, grifo nosso).

Na citação acima podemos perceber que Carolina discorre, naturalmente, sobre o seu dia, mas na terceira linha comete a hipercorreção ao confundir a posição do pronome oblíquo átono “me”. Na norma culta existe a regra para palavras atrativas tais como o pronome relativo “que”, o que indicaria o uso da próclise como adequado na frase referida: “Ele há de ter tempo para pensar e repensar no que me disse”. Entendemos que o uso da ênclise utilizada, também, na sexta linha, bem como no decorrer do diário, corrobora a ideia de que a autora desejou construir uma aproximação do seu texto com a escrita do repertório canônico, o qual tinha acesso, uma vez que o cânone obedece às normas gramaticais, e é tomado como exemplo do Português culto. Perpétua (2003) nos diz, ainda, que Carolina de Jesus “compara detalhes de sua vida com os de autores consagrados e arrola estereótipos que compõe uma imagem do escritor.” (p. 72).

3 Carolina Maria de Jesus na construção de si

De acordo com Luciene Azevedo (2007): “a autoficção é entendida como um apagamento do eu biográfico, capaz de se constituir apenas nos deslizamentos de seu próprio esforço por contar-se como um eu, através da experiência de produzir-se textualmente”. Assim como o que está sendo escrito condiz com a realidade, quando analisada proximamente, pode coexistir, num paralelo, a própria ficção, pois o que está sendo relatado pelo escritor, é pela sua ótica e quando vista por outra, poderá sofrer modificações. Partindo desse princípio, tudo é ilusório, existe uma construção por parte de quem escreve e uma interpretação por quem lê, nota-se o entrelaçar do verossímil e inverossímil, que segundo Azevedo bagunça o horizonte do leitor, atenuando o espaço que fragmenta o vivido do imaginado.

... Eu dormi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. (JESUS, 2007, p. 121).

Na citação acima Carolina descreve o sonho como algo partícipe do seu empírico, quando, ao iniciar a frase, indica que havia dormido, mas levando em consideração a linha tênue entre o vivido e imaginado a qual se refere Azevedo (2007), concluímos que ao citar o espetáculo organizado pelas estrelas, a autora pode estar explicitando o seu desejo de ser reconhecida como poetisa, pois além dos diários também escreveu poesias, e sonhava com a publicação delas, “ela continuava a produzir, juntamente com a escrita do cotidiano, os textos não autobiográficos a que denominava contos, provérbios, romances, poemas e letras de música, e tentava obstinadamente publicá-los.” (PERPÉTUA, 2003, p. 70). A vontade de ser homenageada pelo talento artístico pulsava em Carolina, por meio da escrita é que a autora transformava a tristeza em alegria e inspiração, bem como cita no dia oito de setembro:

... Hoje estou alegre. Estou rindo sem motivo. Estou cantando. Quando eu canto, eu componho uns versos. Eu canto até aborrecer da canção. Hoje eu fiz esta canção: *Te mandaram uma macumba e eu já sei quem mandou Foi a Mariazinha Aquela que você amou Ela disse que te amava Você não acreditou* (JESUS, 2007, p. 121, grifo nosso).

O universo literário fascinava a escritora, além de amar deliciar-se em suas leituras diárias e na escrita do seu livro, sabia que adentrando nesse mundo conseguiria ter a vida digna que almejava para si e seus filhos. Carolina demonstrou esse contentamento ao ver seus

primeiros frutos serem colhidos, após ser descoberta por Audálio Dantas, ao ter estampados a sua foto e alguns trechos de seus escritos numa revista: “Eu estou tão alegre. Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando.” (JESUS, 2007, p. 175). Nos dias do ocorrido, a autora passou a ser reconhecida nas ruas, as pessoas a apontavam, e a questionavam sobre continuar escrevendo, se esse era um desejo seu, como podemos ver no diálogo com o senhor Euclides, no dia 13 de junho: “– Dona Carolina, eu gosto muito da senhora. A senhora quer escrever muitos livros? – Oh, se quero!” (p.175), respondeu Carolina, salientando que precisava trabalhar, mas escrevia nas horas vagas, ou seja, a autora tinha a vontade de continuar escrevendo seus textos e publicá-los. A escritora demonstrava-se esperançosa ao perceber a aproximação da realização de seu sonho, mas ao mesmo tempo, via a urgência disso, como podemos perceber ao escrever dias depois: “... Voltei para o meu barraco imundo. Olhava o meu barraco envelhecido. As tabuas negras e podres. Pensei: está igual a minha vida!” (p. 177). A escritora recebeu promessas de melhorar de vida, mas isso só veio acontecer depois de ter seu livro publicado e circulando, Carolina escreveu sobre a sua ânsia em mudar-se da favela: “(...) o dia em que me mudar hei de queimar incenso para agradecer a Deus. Hei de fazer jejum mental, pensar só nas coisas boas que agradam a Deus.” (p. 181). Com isso, percebemos que o seu desejo estava, não somente, em ser escritora e poetisa reconhecida pela sua Literatura, mas, também, em comutar a triste realidade da qual fazia parte.

Para Klinger (2008), o autor torna-se uma representação ao constituir a performance, atuando num papel da sua própria vida, isso vai sendo construído não só no texto em si, mas também nas entrevistas, sobretudo na exposição pública da sua imagem. Podemos observar essa vertente, em Carolina de Jesus, ao analisarmos a entrevista organizada em exemplar da nona edição de *Quarto de despejo* (2007), da editora Ática, na qual a autora responde algumas perguntas em que percebemos, também, o papel de escritora sendo construído. O entrevistador pergunta o motivo pelo qual Carolina começou a escrever, a autora responde que: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar, eu escrevia”, e em outros momentos coloca o livro como salvação para a sua vida: “A transição de minha vida foi impulsionada pelos livros”, também ressalta o valor que acredita ao ser indagada sobre o que sentiu ao ver o seu livro pronto: “Fiquei emocionada. É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti”. Em suma, a construção de si é feita através da obra, mas também quando Carolina fala sobre o seu conteúdo, a sua experiência a partir da repercussão que obteve com a

publicação do livro, e por ser uma escritora negra advinda da comunidade, ou seja, uma voz que denuncia.

Assim, a autoficção adquire outra dimensão que não a ficção autobiográfica, considerando que o sujeito da escrita não é um “ser” pleno, cuja existência ontológica possa ser provada, senão que o autor, a figura do autor, é resultado de uma construção que opera tanto dentro do texto ficcional quanto fora dele, na “vida mesma”. (KLINGER, 2008, p. 25).

Segundo Barthes (1999 APUD DALCASTAGNÉ, 2012) o escritor é o que fala no lugar do outro. Partindo do pressuposto que a literatura é um espaço representativo, onde interesses e perspectivas sociais estão entrelaçados, questionar quem é esse outro é de suma importância. Fazendo isso na obra referida, observamos o discurso da autora no lugar “de dentro” (lugar de fala), o qual Regina Dalcastagné retrata. Enquanto a mulher negra que é extensamente colocada nas obras literárias de uma forma preconceituosa, que precisa ser questionada e rasurada, a escritora contraria isso e mostra o real a partir da sua ótica. Embora a sua obra tenha sofrido estigmas e discriminação, não sendo reconhecida como cânone e por muitos críticos foi considerada apenas como um relato, fugindo do literário, Carolina precisou recorrer a gêneros como o diário, a fim de estabelecer legitimação para a sua obra, muito embora, o livro ser carimbado como tal, não o traz qualquer legitimidade, ou seja, não é reconhecido como literatura. Para Josefina Ludmer (1984) gêneros como diários, geralmente, são associados à escrita feminina, por sua vez, provocando-os marginalização duas vezes.

A crítica que sustenta essa acepção da literatura desconfia de qualquer relação exterior ao texto, marginalizando e considerando “gêneros menores” por serem gêneros da realidade, ou seja, textos fronteiriços entre o literário e o não-literário, a toda uma série de discursos relacionados com o eu que escreve: crônicas, memórias, confissões, cartas, diários, autorretratos. (KLINGER, 2008, p. 17).

Percebemos que, antes de iniciar seus escritos, Carolina de Jesus já tinha em mente a sua desvantagem: "Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo" (JESUS, 2007, p. 25). Ou seja, a autora já sabia que seria necessária a legitimação “como escritora para poder construir uma representação de si mesma e daqueles que a cercam que se dignifique como literária” (DALCASTAGNÉ, 2012).

Segundo diz Perpétua sobre a construção dessa representação de si mesma, a fim de ser dignificada como literária, Carolina elabora a performance de poetisa de uma maneira que

acredita ser a imagem de um poeta: “engajado politicamente, nacionalista, possuidor de uma missão social, que luta assumidamente ao lado de fracos e oprimidos” (p.71), essas qualidades são construídas a partir de um quadro romântico presente nas leituras feitas por ela. No dia 31 de outubro a autora discorre e faz uma crítica a realidade política de sua época, mostrando estar, como os poetas de sua concepção, engajada politicamente: “(...) O povo não sabe revoltar-se. Devia ir ao Palácio do Ibirapuera e na Assembleia, dar uma surra nestes políticos alinhavados que não sabem administrar o país.” (JESUS, 2007, p. 130).

Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém: - “não chores por mim. Chorai por vós.” – suas palavras profetizavam o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? É igual o governo de Juscelino. (p. 134).

Além de demonstrar preocupação com o cenário político do País, observando o que as pessoas opinavam sobre os governantes, o comportamento deles frente às eleições e o fato deles sumirem quando elas passavam, bem como, nas bancas de revista, o que havia nas notícias estampadas nos jornais, formando assim a sua opinião trazida em muitos momentos no diário, que agiu como um alarde de uma situação que inquietava Carolina de Jesus, e passou a inquietar a sociedade ao ler a realidade de pessoas sofridas que estavam ao redor e dantes não eram notadas. Ao passo que a autora escreve sobre o outro que se nota: “Como é horrível ouvir um pobre lamentando-se. A voz do pobre não tem poesia” (p. 141), está escrevendo sobre si mesma também, todavia, “Carolina situa-se ora como mera testemunha que registra um documento da favela, ora como personagem e modelo dos dramas que se desenvolvem diariamente a seus olhos.” (PERPÉTUA, 1993, 81). Então, a escritora passou a ser porta-voz do povo da favela, muito embora, ela utilizasse o livro como arma para se defender, em alguns trechos ela ameaça seus vizinhos de colocá-los nele, além do que, ao sair da favela, Carolina foi destrutada pelos seus vizinhos, por acreditarem que seus segredos constavam no livro, não sabendo eles que o diário poderia estar dando voz à escritora, mas também a todos da comunidade.

Ainda segundo Perpétua, a autora mistura, em seu texto, a linguagem lírica junto ao depoimento denunciador da realidade em que vivia, mostrando idealização e esforço para distanciar-se do contexto no qual estava inserida, sendo assim “podemos entender o desejo de Carolina de ver-se projetada como a poetisa que sabia burilar as palavras que lhe concederiam

a senha de entrada no universo intelectual” (PERPÉTUA, 2003, p. 72; 73). A autora ao tecer sobre o seu dia-a-dia, num dado momento dialoga com seus leitores, nisso percebemos certa preocupação em agradá-los, buscando não causar enfadamento na maneira de descrever os acontecimentos: “Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu durante o dia.” (JESUS, 2007, p. 126), Carolina sonhava em ser escritora reconhecida e sabia que, para tanto, conquistar o seu público era fundamental, portanto possui o cuidado na sua escrita, tentando não ser repetitiva, nem mesmo colocando palavras de baixo calão em seu diário, a autora não escrevia apenas por escrever, ao contrário disso, buscava aproximar-se do universo literário, o qual a deixava encantada.

Carolina manifesta nitidamente o desejo de aproximar-se do cânone artístico, do texto de prazer, o mundo literário que de fato a fascinava. Essa tentativa de aproximação transforma-se, às vezes, em observações que se tornam jocosas. (...) Mas, independentemente dos equívocos de suas observações, o que mais salta aos olhos nas citações de Carolina é o conhecimento que ela demonstra possuir de um mundo da palavra escrita, reconhecido por ela como superior. (PERPÉTUA, 2003, p. 72).

Para Azevedo (2008), quando o autor incorpora o autobiográfico, ele está usando uma estratégia para trazer eloquência à sua autobiografia e misturando as linhas que separam a realidade da ficção. O autor aparece não somente como o que cria a palavra impressa, mas como responsável pela performance e construção de si. No diário, Carolina demonstra muita irritação em relação com o comportamento dos seus vizinhos, ressalta sobre a maneira negativa que as mulheres tratam os seus filhos, e que possui poucos amigos na favela. A autora faz as críticas e discorre em relação aos comportamentos que as pessoas poderiam ter para uma convivência melhor e ser um indivíduo sociável. Em alguns trechos notamos a escritora sobressaindo suas qualidades que são construídas a partir de seu hábito de ler, escrever e ouvir valsas no rádio, e comparando-as com a maneira de agir das moradoras da favela, como podemos notar na citação a seguir:

O que me aborrece é elas virem na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter. (JESUS, 2007, p. 16).

Vemos ainda, a autora construindo a imagem do outro, quando traz o cotidiano de seus vizinhos, as relações pessoais e frisa o seu repúdio sobre os tais: "Enquanto os esposos quebram o barracão, meus filhos e eu dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela, que levam vida de escravas indianas" (JESUS, 2007, p. 14). Isso acontece "pois toda a contemplação da própria vida está inserida numa trama de relações sociais e por tanto, todo relato autobiográfico remete a um 'para além de si mesmo'." (KLINGER, 2006). Klinger aborda, ainda, sobre a volta do autor da seguinte forma: "O sujeito que retorna nessa nova prática de escrita em primeira pessoa, não é mais aquele sujeito que sustenta a autobiografia: a linearidade da trajetória da vida estoura em benefício de uma rede de possíveis ficcionais" (p. 53), ou seja, o autor abordando não como verdade absoluta, mas atuando provocativamente e brincando com o empírico, com o real. Em Carolina concebemos essa faceta, ao abordar o seu desejo de estar noutra lugar, no qual pudesse ter comida e dignidade, misturando-os com sonhos empíricos e fabulosos:

... Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João: - agora podemos dar um pontapé na miséria. E gritei: - vai embora, miséria! A Vera despertou-se e perguntou: - Quem é que a senhora está mandando ir-se embora? (JESUS, 2007, p. 187).

Percebemos ainda, Carolina de Jesus colocando-se num espaço distinto, um muro imaginário a separando dos outros favelados, ressaltando as suas qualidades, a preferência pela escrita e seu gosto musical:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. (...) À noite enquanto elas pedem socorro, eu tranquilamente ouço valsas vienenses. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (JESUS, 2007, p. 16 e 19).

Através dessa construção de si é projetada na mente do leitor, a imagem de uma mulher que mesmo vivendo onde a fome é prevalente, consegue ser e viver a poesia, expressada em versos escritos no seu livro: "O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido" (p. 28). A autora forma, na sua fala, um extrato que resulta no "mito do escritor (...). A noção do relato como criação da subjetividade, a partir de uma ambivalência a respeito de uma verdade prévia do texto." (KLINGER, 2006, p. 55).

Eu sou muito alegre. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. (...) Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo! (...) Eu cato papel, mas não gosto! Então eu penso: faz de conta que estou sonhando. (...) O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora (JESUS, 2007, p. 23; 26).

Na citação acima, observamos diversas Carolinas e com lados distintos, desde a catadora de lixo a intelectual, que além de escrever diariamente, também lê e mantém-se informada sobre o que acontece no mundo político-social e "a autora as constrói de forma a legitimar cada um desses lados." (QUERIDO, 2012, p. 887).

4 Considerações Finais

A obra *Quarto de despejo* é rica em detalhes, as cenas são descritas de maneira que o leitor consegue imaginar tudo quanto está sendo lido, desde os detalhes do espaço até a sensibilidade de Carolina de Jesus, embora em muitos momentos paire a dúvida, se o que ela está relatando é fantasioso ou, de fato, acontecera, sobre o que é mostrado nos diálogos, se foi falado ou é algo que gostaria de ter sido dito no momento, bem como algumas atitudes suas e de quem a autora faz menção, nisso podemos perceber o fragmento que separa o empírico do imaginário, ou seja, em certas cenas a escritora, também personagem da narrativa, conta sobre os sonhos que teve empiricamente, em que podemos perceber a linha tênue entre eles e o desejo que demonstra ter ao discorrer em alguns parágrafos em relação ao futuro como escritora, bem como, quando retrata sobre a sua maneira de ser, buscando construir um muro imaginário entre si e os outros moradores da favela, no qual percebemos a dualidade da autora, em certos momentos, há paradoxos em seu discurso. Vale salientar, também, que a construção de si enquanto escritora foi desenvolvida não só no texto, mas também nas entrevistas dadas por Carolina, em que a sua performance pode ser notada, corroborando a ideia de não existir dicotomia entre arte e vida, a escritora vivia a própria arte através da escrita. Em suma, hodiernamente, observa-se autores escolhendo o gênero autoficção como estratégia de escrita, a fim de criar a sua performance; a obra referida possui elementos corroborativos de que se comporta como autoficção, no que tange a construção do mito do autor, porém essa faceta pode ter sido construída inconscientemente, partindo do pressuposto que, no período que Carolina de Jesus escreveu o seu diário, ainda não se ouvia falar de



autoficção, coincidentemente esse gênero foi citado pioneiramente na década do falecimento da referida escritora, em meados de 1970, expirou Carolina e esboçou-se autoficção.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Letícia. História e Ficção no Cerne de Quarto de Despejo. **Revista Literatura em Debate**. Mato Grosso do Sul, 2009.

AZEVEDO, Luciene. Autoficção e Literatura Contemporânea. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 12. p. 2, 2008.

AZEVEDO, Luciene. “**Blogs e Autoficção**”. In: Encontro Regional da Abralic. Anais: São Paulo, 2007.

CÂMARA, Joaquim. M. **Manual de expressão oral e escrita**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? p. 129-160. Lisboa: Passagens, 1992.

JESUS, Carolina. M. de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

JESUS, Carolina. M. de. **Meu Estranho Diário**. São Paulo: Xamã, 1996.

KLINGER, Diana. **Escritas de si e escritas do outro**. Autoficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, n.12, p. 10-31, 2008.

LUDMER, Josefina. Las tretas del débil. In: GONZÁLEZ, Patricia Elena; ORTEGA, Eliana. (Ed.) *La sartén por el mango. Encuentro de escritoras latinoamericanas*. Río Piedras: Ediciones Huracán, 1984.

MEIHY, J. S. B. LEVINE, Robert. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PERPÉTUA, Elzira. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 22, p. 63-83, 2003.

QUERIDO, Alessandra. Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e Frida Kahlo. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, n. 20, p. 881-899, 2012.

SILVA, José Carlos Gomes. **História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus**. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, 2008. Disponível em:



<http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2007/jose%20silva.pdf> Acesso em: 09 out 2017.